

Reflexões sobre Gurumayi Chidvilasananda

Entrando em contato com a Consciência

por Jaiya Seibert

O ano era 1992. O dia, Gurupurnima. Um *satsang* com Gurumayi estava em andamento no Shakti Mandap do Shree Muktananda Ashram. Meus pais, que já seguiam os ensinamentos de Siddha Yoga, estavam lá e haviam me levado, seu filho de cinco semanas de idade, para receber o *darshan* de Gurumayi, ao final do *satsang*.

Avancemos rapidamente no tempo, para uma manhã no início de maio de 2021. Andava eu por um dos edifícios do Anugraha, no Shree Muktananda Ashram, dado que uma das tarefas do meu *seva* é garantir que todos os edifícios e terrenos do Shree Muktananda Ashram estejam bem cuidados. Ao entrar em um corredor, vi Gurumayi, e ela vinha caminhando em minha direção. Parei e esperei, abrindo caminho para ela. Ao me ver, seu rosto se iluminou e ela disse: “Você era justamente a pessoa que eu queria encontrar.”

Gurumayi então me falou sobre dois bordos em um dos jardins, que ela acreditava precisar de cuidados e, talvez, de uma poda. Ela explicou que se essas árvores ornamentais do Ashram não forem podadas, elas perdem a forma, crescem desordenadamente e os galhos acabam por se tornar demasiadamente pesados e quebram. Gurumayi contou que em **Gurudev Siddha Peeth** há inúmeras mangueiras que recebem podas regulares porque, de outra forma, deixam de frutificar. Ela me pediu que fosse verificar os dois bordos ainda naquela manhã. Eu mal podia esperar para ir ver as árvores.

Na manhã seguinte, enquanto eu examinava algumas plantas no jardim frontal do Anugraha, vi Gurumayi caminhando na calçada adjacente ao edifício. Comecei a acompanhá-la, principalmente porque queria contar-lhe que eu havia visto as duas árvores, conforme seu pedido. Gurumayi perguntou se alguma delas precisava de poda. Respondi que eu não sabia e que investigaria melhor o assunto. Ela então me pediu que descrevesse minha visita ao jardim, para que tivesse um quadro mais completo do que se passara. contei que eu estivera no jardim por cerca de cinco minutos e que tinha visto as árvores à distância. Disse que eu planejava pesquisar a documentação para apurar qual seria a programação padrão de poda para as árvores.

Gurumayi disse: “Jaiya, você viu as árvores à distância, quando eu havia pedido que você fosse lá para examiná-las bem e avaliasse como elas estão e o que precisa ser feito? Como é que as árvores iriam saber que você esteve lá para examiná-las se nem sequer viram seu rosto? Elas precisam saber que você está indo cuidar delas. E sabe por quê? As árvores têm Consciência. Todos os seres vivos, assim como os objetos inanimados, têm Consciência.

“Ao olhar as árvores de longe, você não demonstrou às árvores o respeito que elas merecem. Você não viu as árvores e nem deixou que elas vissem você. As árvores são seres vivos! Você precisa ouvi-las, ficar com elas, tocar o seu tronco e as suas folhas. Só assim é que você vai saber do que elas precisam. Sentindo a árvore, conectando-se verdadeiramente com ela e conversando com ela é que você conseguirá dizer se ela está doente ou se precisa de algo.

“Esta é uma forma natural de se reconhecer a Consciência em tudo. Entrando em sintonia com seu ambiente, com as árvores e com a natureza sob seus cuidados, você naturalmente vai sentir o que precisa ser feito. E... a natureza vai falar com você.”

A partir do primeiro instante em que Gurumayi começou a falar, experienciei um reconhecimento profundo sobre aquilo que ela estava me ensinando. Pude perceber as inúmeras maneiras diferentes como ela já havia me passado esse entendimento sobre o mundo da natureza, especialmente no que observei sobre a forma como a própria Gurumayi interage com a natureza. Conforme ouvia atentamente as palavras dela, eu sabia que aqueles ensinamentos eram de uma importância crucial para eu aprender e aplicar, e que somente fazendo isso eu poderia cumprir a minha responsabilidade de assegurar que as árvores do ashram prosperassem. Depois de receber esses ensinamentos de Gurumayi, percebi que eles haviam me dado uma nova maneira de encarar e abordar o *seva* que ofereço — soube que teria que desenvolver um novo relacionamento com todas as árvores do ashram, e com a natureza em geral.

Alguns dias mais tarde eu estava trabalhando com um outro membro do *staff*, a pessoa encarregada dos jardins, fazendo a poda dos arbustos de lilás no pátio do amrit. Trata-se de um arbusto muito bonito que estava em plena floração naquele momento e que durante várias semanas havia perfumado o pátio com sua fragrância. Quando este arbusto de lilás está florindo, todo mundo quer passar por aquele pátio para desfrutar o perfume.

Fui participar da tarefa de poda com o entendimento de que esta seria minha primeira oportunidade de aplicar o que Gurumayi havia me ensinado sobre como me conectar com o arbusto de lilás e como receber a sua comunicação. Quando começamos a podar, me coloquei embaixo do arbusto, sentindo seus galhos, silenciosamente tentando sentir quais deveriam ser mantidos e quais deveriam ser podados. Conforme fazia isso, de dentro de mim eu recebia uma dica sutil sobre quais galhos deveriam ficar e quais deveriam ser podados. Depois de descobrir dessa forma que galho precisava ser cortado, eu o mostrava para o outro sevita — um especialista em poda — e perguntava: “O que acha de podar este aqui?”

Na maioria das vezes, seus olhos se iluminavam e ele dizia que sim, o galho que eu havia sentido que precisava ser podado estava de acordo com as orientações de poda da botânica. Quando ele dizia isso, era como uma afirmação do meu desejo de receber a comunicação das árvores. Isso me mostrou que tudo que eu precisava fazer era ficar em silêncio, ouvir atentamente aos seus sussurros e prestar muita atenção — e elas me contariam o que eu precisava saber para lhes dar suporte. Aprendi como era fácil e eficiente ter essa conversa com os arbustos e as árvores.

Fiquei empolgado com a nova maneira de ver o mundo e interagir com a natureza que Gurumayi havia me ensinado, e queria compartilhar aquilo com meus colegas. Quando fiz isso, um dos membros do *staff* compartilhou comigo a história de como *ela* aprendeu a se comunicar com as árvores e como ouvi-las. Ela me contou que há décadas Gurumayi tem ensinado esta abordagem para os seus estudantes. Aqui está a história, nas palavras dela:

Em 2005, quando eu oferecia seva como estudante do Gurukula em Gurudev Siddha Peeth, tive a oportunidade de participar de uma turnê pelos terrenos do ashram, guiada por uma ecologista francesa muito experiente. Essa Siddha Yogue vinha visitando Gurudev Siddha Peeth com regularidade para oferecer seva de cuidar das magníficas árvores do ashram. Nesta visita, ela convidou os estudantes do Gurukula que estivessem interessados em participar de uma turnê pelas árvores do Dakshin Kashi. (Dakshin Kashi é uma área imaculada e sagrada de Gurudev Siddha Peeth que Gurumayi criou no final dos anos 1980 para prover um local natural ao ar livre que evocasse os ensinamentos de Siddha Yoga e apoiasse as práticas de Siddha Yoga.)

A ecologista começou a turnê com a menção ao ensinamento essencial de Siddha Yoga, ou seja, de que a Consciência universal tudo permeia. Compartilhou como ela e outras pessoas que oferecem seva no Departamento de Jardinagem aprenderam de Gurumayi, ao longo dos anos,

como ouvir as árvores no ashram — e era isso que ela iria nos ensinar! Seguindo suas instruções, cada um de nós iria se aproximar de uma das árvores, iríamos tocá-la, ficar parados ali e permanecer em silêncio, ouvindo. Em seguida ela nos perguntava: “Como vai a árvore?” Então nós compartilhávamos o que ouvimos ou sentimos. E foi espantoso; todos nós sabíamos — esta árvore está feliz, esta não está bem. Em seguida ela nos dava as explicações científicas e botânicas que estavam totalmente alinhadas com o que havíamos ouvido ou sentido. Foi incrível receber a sabedoria de Gurumayi dessa maneira.

À medida em que continuo a praticar os ensinamentos que recebi de Gurumayi em maio de 2021, venho conhecendo mais sobre as árvores e plantas do Ashram e aprendendo sobre as sutilezas de ouvir seus sussurros. Por exemplo, uma enorme cerca viva de arbustos de forsítia numa das áreas do Ashram tinha crescido demais ao longo de muitos anos e estava agora com mais de três metros de altura e precisava ser podada.

Antes da poda eu fui visitar e conversar com os arbustos de forsítia. Eu caminhei ao lado da cerca viva, tocando seus galhos, agradecendo a beleza que ela proporcionou ao Ashram durante tantos anos e dizendo a ela que iríamos podá-la. Em meu coração, tive um sentimento de apreciação por parte desses arbustos de forsítia, como se eles estivessem muito felizes por eu admirá-los e estar ali passando um tempo com eles. Eu podia sentir sua alegria ao receber tanta atenção. Mais tarde percebi que o mesmo se dá com tudo que possui vida: eles estavam felizes por receberem atenção, por serem respeitados e cuidados.

Enquanto me comunicava com os arbustos, o mantra *Om Namah Shivaya* me vinha constantemente à consciência — era como se eu não pudesse não repetir o mantra enquanto estava com aquelas árvores. Disse a elas que precisaríamos podar a maior parte de seus galhos para que elas pudessem servir e florescer por muitos anos. Disse que estava pensando em podá-las até a altura de um metro para que elas pudessem focar sua energia em

desenvolver novos brotos. Muito graciosamente elas responderam que um metro era um pouco baixo demais — um metro e vinte a um metro e meio seria melhor, seria um choque menor para o seu sistema. E foi assim que procedi com a poda.

Entendi que essa comunicação, essa interação e essa conexão com a Consciência naquelas árvores é uma forma de acessar o conhecimento interior verdadeiro que foi despertado quando recebi *shaktipat* de Gurumayi. Seguindo o caminho de Siddha Yoga, aprendi que existe uma Consciência onipresente que é a essência de tudo. Coisas que não possuem uma “voz”, no sentido comum de ter a capacidade de se comunicar verbalmente ou através de gestos, *possuem* uma voz — através da Consciência que é o substrato de tudo e que constitui tudo. Quando me conecto com essa Consciência, quando presto o devido respeito a algo, quando vejo uma coisa e permito que essa coisa me veja, quando presto atenção e pergunto a alguma coisa do que ela necessita, é nesse momento que o canal de comunicação entre mim e meu mundo flui livremente e posso confiar na minha sabedoria interior sobre quem precisa do que, e o que preciso fazer a cada momento.

